

LITERATURA BRASILEIRA I
2023
SEGUNDA AVALIAÇÃO

I — Desenvolver uma análise contrastiva de poemas de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, reconhecendo as afinidades estéticas, temáticas e ideológicas, bem como as diferenças existentes entre essas vozes do Modernismo brasileiro.

Primeiramente, o(a) aluno(a) deve escolher **um** dos dois grupos de poemas abaixo reproduzidos. Em seguida, deve selecionar **três** dos quatro poemas apresentados.

Utilizar como apoio a bibliografia indicada no curso.

Os trabalhos deverão ser enviados por e-mail (ivanmarques@usp.br) até o dia **3 de julho**, impreterivelmente.

Extensão: 2 páginas (5 mil caracteres com espaços).

Valor: 5 pontos.

II — Apresentar um breve relatório (memorial) do curso de LB I, descrevendo sua experiência pessoal com o estudo dos temas abordados (aproveitamento das aulas, leituras, discussões, trabalhos realizados).

Extensão: 1 página (2,5 mil caracteres com espaços).

Valor: 1 ponto

III — Enviar, também até o dia **3 de julho**, juntamente com a análise dos poemas e o relatório do curso (tudo em um **único pdf**), uma **compilação das intervenções** realizadas na segunda parte do curso (Bandeira e Drummond: tópicos 11 a 15).

Os comentários devem vir acompanhados da identificação do tópico e da data da postagem original no Moodle (ex.: Re: Libertinagem – sexta, 26 mai 2023, 14:30).

Valor (somando as duas partes da atividade no Moodle): 1,5 ponto.

Opções de textos para o trabalho final

OPÇÃO 1:

Oswald de Andrade: "Sábado de Aleluia" (*Pau-Brasil*, 1925)

Mário de Andrade: "Noturno de Belo Horizonte" [fragmento] (*Clã do jabuti*, 1927)

Manuel Bandeira: "Ouro Preto" (*Lira dos cinqüent'anos*, 1940)

Carlos Drummond de Andrade: "O voo sobre as igrejas" (*Alguma poesia*, 1930)

OPÇÃO 2:

Oswald de Andrade: "A procissão" (*Pau-Brasil*, 1925)

Mário de Andrade: "Poema" (*Clã do jabuti*, 1927)

Manuel Bandeira: "Oração a Nossa Senhora da Boa Morte" (*Estrela da manhã*, 1936)

Carlos Drummond de Andrade: "Romaria" (*A rosa do povo*, 1930)

OPÇÃO 1

SÁBADO DE ALELUIA

Serpentes de fogo procuram morder o céu
E estouram
A praça pública está cheia
E a execução espera o arcebispo
Sair da história colonial

Longe vai tempo soltaram a lua
Como um balão de dentro da serra

Judas balança caído numa árvore
Do céu doirado e altíssimo

Jardins
Palmeiras
Negros

(Oswald de Andrade, "Roteiro das Minas", *Pau-Brasil*, 1925)

NOTURNO DE BELO HORIZONTE [FRAGMENTO]

(...) Um grande Ah!... aberto e pesado de espanto
Varre Minas Gerais por toda a parte...
Um silêncio repleto de silêncio
Nas invernadas, nos araxás
No marasmo das cidades paradas...
Passado a fuxicar as almas,
Fantasmas de altares, de naves douradas
E dos palácios de Mariana e Vila Rica...
 Isto é: Ouro Preto
E o nome lindo de São José D'El Rei mudado num odontológico Tiradentes...
Respeitemos os mártires. (...)

(Mário de Andrade, *Clã do jabuti*, 1927)

OURO PRETO

Ouro Branco! Ouro Preto! Ouro podre! De cada
Ribeirão trepidante e de cada recosto
De montanha o metal rolou na cascalhada
Para o fausto d'El-Rei, para a glória do imposto.

Que resta do esplendor de outrora? Quase nada:
Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto.
Esta agência postal era a Casa de Entrada...
Este escombros foi um solar... Cinza e desgosto!

O bandeirante decaiu — é funcionário.
Último sabedor da crônica estupenda,
Chico Diogo escarnece o último visionário.

E avulta apenas, quando a noite de mansinho
Vem, na pedra-sabão lavrada como renda,
— Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho!

(Manuel Bandeira, *Lira dos cinquent'anos*, 1940)

O VOO SOBRE AS IGREJAS

Vamos até à Matriz de Antônio Dias
onde repousa, pó sem esperança, pó sem lembrança, o Aleijadinho.
Vamos subindo em procissão a lenta ladeira.
Padres e anjos, santos e bispos nos acompanham
e tornam mais rica, tornam mais grave a romaria de assombração.
Mas já não há fantasmas no dia claro,
tudo é tão simples,

tudo tão nu,
as cores e cheiros do presente são tão fortes e tão urgentes
que nem se percebem catingas e *rouges*, boduns e ouros do século 18.

Vamos subindo, vamos deixando a terra lá embaixo.
Nesta subida só serafins, só querubins fogem conosco,
de róseas faces, de nádegas róseas e rechonchudas,
empunham coroas, entoam cantos, riscam ornatos no azul autêntico.

Este mulato de gênio
lavou na pedra-sabão
todos os nossos pecados,
as nossas luxúrias todas,
e esse tropel de desejos,
essa ânsia de ir para o céu
e de pecar mais na terra;
este mulato de gênio
subiu nas asas da fama,
teve dinheiro, mulher,
escravo, comida farta,
teve também escorbuto
e morreu sem consolação.

Vamos subindo nessa viagem, vamos deixando
na torre mais alta o sino que tange, o som que se perde,
devotas de luto que batem joelhos, o sacristão que limpa os altares,
os mortos que pensam, sós, em silêncio, nas catacumbas e sacristias,
São Jorge com seu ginete,
o deus coberto de chagas, a virgem cortada de espadas,
e os passos da paixão, que jazem inertes na solidão.

Era uma vez um Aleijadinho,
não tinha dedo, não tinha mão,
raiva e cinzel, lá isso tinha,
era uma vez um Aleijadinho,
era uma vez muitas igrejas
com muitos paraísos e muitos infernos,
era uma vez São João, Ouro Preto,
Mariana, Sabará, Congonhas,
era uma vez muitas cidades
e o Aleijadinho era uma vez.

(Carlos Drummond de Andrade, *Brejo das Almas*, 1934)

OPÇÃO 2

A PROCISSÃO

Os chofers ficam zangados
Porque precisam estacar diante da pequena procissão
Mas tiram os bonés e rezam
Procissão tão pequenina tão bonitinha
Perdida num bolso da cidade
Bandeirolas
Opas verdes
Crianças detentoras de primeiros prêmios
De bobice
Vão passo a passo
Bandeirolas
Opas verdes
Um andor nos ombros mulatos
De quatro filhas alvíssimas de Maria
Nossa Senhora vai atrás
Um milagre de equilíbrio
Mas o que mais eu gosto
Nesta procissão
É o Espírito Santo
Dourado
Par inspirar os homens
De minha terra
Bandeirolas
Opas verdes
O padre satisfeito
De ter parado o trânsito
Com Nosso Senhor nas mãos
E um dobrado atrás

(Oswald de Andrade, "Postes da Light", *Pau-Brasil*, 1925)

POEMA

Neste rio tem uma iara...

De primeiro o velho que tinha visto a iara
Contava que ela era feiosa, muito!
Preta gorda manquitola ver peixe-boi.
Felizmente velho já morreu faz tempo.
Duma feita, madrugada de neblina
Um moço que sofria de paixão
Por causa dum índia que não queria ceder pra ele,
Se levantou e desapareceu na água do rio.

Cabelos de limo verde do rio...
Ontem o piá brincabrincando
Subiu na igara do pai abicada no porto,
Botou a mãozinha na água funda
E vai, a piranha abocanhou a mãozinha do piá.

Neste rio tem uma iara...

(Mário de Andrade, *Clã do jabuti*, 1927)

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Fiz tantos versos a Teresinha...
Versos tão tristes, nunca se viu!
Pedi-lhe coisas. O que eu pedia
Era tão pouco! Não era glória...
Nem era amores... Nem foi dinheiro...
Pedia apenas mais alegria:
Santa Teresa nunca me ouviu!

Para outras santas voltei os olhos
Porém as santas são impassíveis
Como as mulheres que me enganaram.
Desenganei-me das outras santas
(Pedi a muitas, rezei a tantas)
Até que um dia me apresentaram
A Santa Rita dos Impossíveis.

Fui despachado de mãos vazias!
Dei volta ao mundo, tentei a sorte.
Nem alegrias mais peço agora,
Que eu sei o avesso das alegrias.
Tudo que viesse, viria tarde!
O que na vida procurei sempre,
— Meus impossíveis de Santa Rita, —
Dar-me-eis um dia, não é verdade?
Nossa Senhora da Boa Morte!

(Manuel Bandeira, *Estrela da manhã*, 1936)

ROMARIA

Os romeiros sobem a ladeira
cheia de espinhos, cheia de pedras,
sobem a ladeira que leva a Deus
e vão deixando culpas no caminho.

Os sinos tocam, chamam os romeiros:
vinde lavar os vossos pecados.
Já estamos puros, sino, obrigados,
mas trazemos flores, prendas e rezas.

No alto do morro chega a procissão.
um leproso de opa empunha o estandarte.
As coxas das romeiras brincam no vento.
Os homens cantam, cantam sem parar.

Jesus no lenho expira magoado.
Faz tanto calor, há tanta algazarra.
Nos olhos do santo há sangue que escorre.
Ninguém não percebe, o dia é de festa.

No adro da igreja há pinga, café,
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros
e um sol imenso que lambuza de ouro
o pó das feridas e o pó das muletas.

Meu Bom Jesus que tudo podeis,
humildemente te peço uma graça.
Sarai-me, Senhor, e não desta lepra,
do amor que eu tenho e que ninguém me tem.

Senhor, meu amo, dai-me dinheiro,
muito dinheiro para eu comprar
aquilo que é caro mas é gostoso
e na minha terra ninguém não possui.

Jesus meu Deus pregado na cruz,
me dá coragem pra eu matar
um que me amola de dia e de noite
e diz gracinhas a minha mulher.

Jesus Jesus piedade de mim.
Ladrão eu sou mas não sou ruim não.
Por que me perseguem não posso dizer.
Não quero ser preso, Jesus ó meu santo.

Os romeiros pedem com os olhos,
pedem com a boca, pedem com as mãos,
Jesus já cansado de tanto pedido
dorme sonhando com outra humanidade.

(Carlos Drummond de Andrade, *Alguma poesia*, 1930)

